

UM OLHAR ÀS LÍNGUAS EM CIRCULAÇÃO EM PUERTO QUIJARRO (BO) FRONTEIRA COM CORUMBÁ (BR)

Una Mirada a las Lenguas en Circulación en Puerto Quijarro (BO)
Frontera con Corumbá (BR)

Suzana Vinicia MANCILLA BARREDA*

Resumo: O presente trabalho tem como base estudos desenvolvidos na tese de doutorado intitulada Interculturalidades no contexto Puerto Quijarro (Bolívia)-Corumbá (Brasil). Português língua de fronteiras: ensino, aprendizagem e formação de professores. Objetiva contextualizar os usos linguísticos no município boliviano fronteiriço a Corumbá (Brasil), tendo em vista que as línguas são elementos de identificação em que subjaz a identidade de seus falantes. São apresentados os idiomas que circulam na região, origem e situação em que se encontram na atualidade, bem como os usos locais mais generalizados. Com esse fim realizamos pesquisa documental e revisão bibliográfica, além de entrevistas a colaboradores locais.

Palavras-chave: Línguas em circulação, Puerto Quijarro, Frontera.

Resumen: El presente trabajo tiene como base los estudios que se han desarrollado en la tesis de doctorado que lleva por título Interculturalidades

Introdução

Na fronteira composta pelos municípios de Puerto Quijarro no departamento de Santa Cruz do lado boliviano e Corumbá localizado ao oeste do estado de Mato Grosso do Sul, do lado brasileiro, *a priori* sobressaem o português e o castelhano¹ como línguas de contato, cujo status de línguas nacionais têm como função a homogeneidade e representatividade linguística oficial. Entretanto, com um olhar mais atento, observamos uma multiplicidade de línguas em uso, resultado da existência de povos nativos² – alguns dos quais ainda habitam

* Licenciada em Letras Português e espanhol, professora adjunta da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal, Corumbá, MS-Brasil. E-mail suzanamancilla@yahoo.es

¹ Utilizamos o nominativo castelhano (em contraposição ao espanhol) para nomear a língua majoritariamente falada na Bolívia, visto ser essa nomenclatura utilizada na Constituição desse país e dado o uso dessa denominação entre os entrevistados para este trabalho. Da mesma forma com relação à língua falada no Brasil, língua portuguesa ou português.

² Concordamos com a cientista social boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (2015) que discute o termo que se utiliza para designar os nativos das diferentes etnias bolivianas como “originários”. Afirmar a autora que o sentido desse conceito situa os povos indígenas na origem, em um espaço anterior à história, onde se reproduzem usos e costumes do coletivo, descaracterizando-os. Por esse motivo nesta tese utilizamos o nominativo “povos indígenas” ou “povos nativos”.

en el contexto de Puerto Quijarro (Bolivia)-Corumbá (Brasil). Portugués lengua de fronteras: enseñanza, aprendizaje y formación de profesores. Su objetivo es contextualizar los usos lingüísticos en el municipio boliviano fronterizo a Corumbá (Brasil), teniendo en cuenta que las lenguas son elementos de identificación donde subyace la identidad de sus hablantes. Son presentados los idiomas que circulan en la región, origen y situación actual, bien como sus usos más generalizados. Con ese fin realizamos investigación documental, revisión bibliográfica y entrevistas a colaboradores locales.

Palabras clave: Lenguas en circulación, Puerto Quijarro, Frontera.



a fronteira – e outros migrantes, oriundos do crescente processo de mobilidade da população boliviana, bem como populações procedentes de diferentes lugares, diversidade que conforma um cenário sociolinguisticamente complexo, segundo caracterização de Cavalcanti (1999).

As línguas que compõem o repertório lingüístico dos habitantes expressam seu conjunto de valores, sentidos, crenças, símbolos que identificam culturalmente esses diversos grupos populacionais que interagem no espaço compartilhado nas práticas fronteiriças. O plurilinguismo, ou seja, o uso de mais de uma língua na vida cotidiana, é um fato comum na América Latina. No âmbito do Mercosul, foi possível vislumbrar que o gesto político de incorporar uma língua nativa (o guarani) em um contexto no qual circulam outras, pode ter por um lado, o reconhecimento da diversidade lingüística, por outro, a invisibilidade de outras que circulam em condição minoritária ou minoritarizada (CAVALCANTI, 2011; LÓPEZ, 2006), de caráter transfronteiriço, presentes nesses territórios (SOBROSA, 2013).

A esse respeito, detalhamos o panorama lingüístico em Puerto Quijarro, conscientes de que a ampla presença de outras línguas que confluem em um lugar requer estudos detalhados com recortes temporais definidos.

Aproximações à conformação linguística da Bolívia

Neste item, mencionamos brevemente e de forma bastante geral a distribuição das variedades e os usos das línguas na Bolívia. Em seguida, detalhamos aspectos linguísticos da região oriental, em especial Puerto Quijarro.

O linguista boliviano Callisaya Apaza (2012), em sua tese de doutorado, traça um panorama político e social da Bolívia ao abordar o surgimento de movimentos sociais e organizações sindicais na busca de uma valorização cultural que até poucos anos atrás era muito incipiente nesse país, principalmente em virtude da falta de reconhecimento dos direitos das comunidades que compõem a sociedade boliviana.

Conforme o autor, o eixo central dessa mudança está na valorização da identidade indígena – ou originária – oficializada com a publicação da Nova Constituição do Estado Plurinacional da Bolívia, aprovada em 24 de novembro de 2007. O documento inicia traçando as bases fundamentais do Estado, em que a pluralidade e a interculturalidade são características tão importantes quanto a liberdade, a soberania e a independência no processo integrador desse país.

No que tange à língua, além do castelhano e do afroyungueño, são reconhecidas 36 línguas nativas distribuídas irregularmente nos nove departamentos que compõem o cenário nacional. Em levantamento quantitativo Callisaya Apaza (2012) aponta as seguintes porcentagens populacionais:

Tabela 1 – Autoidentificação étnica na Bolívia

Povos indígenas	Anos		
	2006	2007	2008
Quéchuas	26,7	23,9	28,5
Aimarás	18,2	20,3	23,3
Guaranis	1,0	3,0	1,4
Chiquitanos	1,1	1,4	2,0
Mojeños	1,0	0,7	0,6
Outras etnias	0,9	0,7	0,5
Nenhuma	51,2	50,1	43,8

Fonte: Callisaya Apaza (2012, p. 10)

Isso posto, voltamos nossa atenção para o lado oriental do país, em especial ao departamento de Santa Cruz, em cujo extremo oriente está Puerto Quijarro, primeiro município boliviano que encontramos após atravessar a linha de fronteira internacional procedentes de Corumbá.

As línguas nativas do/no oriente boliviano – Puerto Quijarro

Com a finalidade de desvendar a diversidade que compõe o contexto sociolinguisticamente complexo da fronteira, sobretudo Puerto Quijarro, identificamos as línguas que circulam nessa região do oriente boliviano, quais sejam o *bésiro-chiquitano* e o *zamuco* falado pelos ayoreos. Por outra parte, também tratamos sobre a presença do quéchua e do aimará, lembrando que estas últimas procedem da região central e Andes da Bolívia.

No que tange à designação do território em que está localizado Puerto Quijarro, a linguista Marisa Censabella detalha que as terras baixas da Bolívia estariam compostas pelo Oriente, o Chaco e a Amazônia, sendo “[...] *reconocidas como tales por los propios habitantes de estas regiones y aceptadas así por las instituciones gubernamentales, pero también por la academia y los especialistas que trabajan sobre temáticas indígenas.*” (CENSABELLA, 2009, p. 146).

Com relação à condição das línguas das populações nativas, Callisaya Apaza (2012) toma como fonte os estudos de Cruz (2010) para definir como línguas numericamente majoritárias o quéchua e o aimará no território nacional, em contraposição às línguas minoritárias como o guarani, o ayoreo (também denominado chácobo), distribuídas nas terras baixas ou tropicais.

Os dados coletados por Callisaya Apaza (2012) no Instituto Nacional de Estatística (INE) da Bolívia no período de 2006 a 2008 (Tabela 1) foram a base para a elaboração de uma tabela demonstrativa da autoidentificação étnica gerada em resposta à simples pergunta: “*¿Con qué pueblo originario se identifica usted?*”. Mais recentemente, por ocasião do Censo 2012 a autoidentificação “mestiço”, que não constava no questionário, foi reivindicada por alguns setores da população. Em resposta, representantes do governo central manifestaram que o caráter “mestiço” não apresenta características identificadoras próprias, como uma língua, por exemplo.

Uma apreciação expressiva sobre as identidades bolivianas refere-se ao ressurgimento de autoidentificações mais abrangentes, urbanas e regionais, a saber: *chapaco*, *camba* ou *colla*. Do mesmo modo, a socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (2015) problematiza o esquecimento de outras identidades muito presentes no cotidiano nacional, quais sejam as *birlochas*, as *cholas*, os *cholos*, os migrantes, entre outras que circulam nas cidades bolivianas e que atravessam fronteiras. Segundo a autora, isso revela claramente a invisibilidade de um mundo mestiço boliviano.

Por outro lado, também consideramos importante mencionar que a designação genérica de “outras etnias”, no levantamento censitário, pode funcionar como um

recurso que invisibiliza línguas que notoriamente já ocupam a condição de minoria – neste sentido cabe o adjetivo minoritarizada – no âmbito nacional boliviano. A esse respeito, o linguista Xavier Albó (1995) assinala que as informações do censo são deficientes, visto que são explicitadas apenas algumas línguas, invisibilizando outras, fato que é agravado pelo difícil acesso a algumas comunidades, instaladas em plena selva.

No extremo oriental da Bolívia, região em que está localizado Puerto Quijarro, encontram-se distribuídos os ayoreos e os chiquitanos com suas respectivas línguas *zamuco* e *bésiro*, povos de caráter transnacional ou transfronteiriço, conforme classificação do **Atlas Sociolinguístico dos povos indígenas da América Latina** (2009). Sua dispersão geográfica é consequência da vocação nômade que lhes era característica e que foi mantida até finais do século XIX. A continuação tecemos um panorama sobre esses dois povos.

Os ayoreos

Segundo o antropólogo boliviano Milton Eyzaguirre (2013), os membros deste grupo indígena se autodenominam “ayoreode”, que traduzido do *zamuco* – seu idioma – significa “*hombre de la selva, nosotros*”. Para Censabella (2009) ayoreo significa: “*la gente verdadera*”. Essa autora apresenta a seguinte caracterização dos *ayoreos*, *chiquitanos* e *Guarayos*:

Quadro 1 – Povos indígenas no oriente boliviano

Região	Povos	Língua	Família Linguística	População total aproximada	Falantes da língua originária de cinco anos a mais (aprox.)
Oriente	Ayoreode	Ayoréo	Zamuco	1.240	1.400
	Chiquitano	Bésiro	Língua independente	196.000	4.620
	Guarayo	Guarayo	Tupi-guarani	11.950	8.440

Fonte: Censabella, López (2009, p. 196).

Trata-se de um dos povos classificados como transfronteiriços, entre Bolívia e Paraguai. Conforme López e Censabella (2009) essa condição permite interpretar o território e o quantitativo humano para além das fronteiras, fato que pode favorecer etnias que apresentem uma condição fragilizada em um país, mas que ao serem consideradas de acordo a sua abrangência transfronteiriça, tenham mais vitalidade e maiores possibilidades de fortalecer identidades em conflito.

A esse respeito, o linguista Solís Fonseca (2003) afirma: “*La conservación y desarrollo de la diversidad étnica y cultural puede claramente fortalecerse a partir de*

la conciencia de identidades supranacionales basadas en la identidad étnica." (SOLIS FONSECA, 2003, p. 10).

A presença dos *ayoreos* no território boliviano estende-se ao longo do Departamento de Santa Cruz, distribuídas em 20 comunidades e assentamentos periurbanos em Santa Cruz de la Sierra³, capital do Departamento de Santa Cruz. Eles estão filiados à "Central Ayorea Nativa del Oriente Boliviano" (Canob), instância representativa criada em Assembleia Geral Intercomunal Máxima, no dia 29 de outubro de 1987. Procedente de estudo concluído por essa entidade em 2010, podemos afirmar que, na atualidade, existe uma comunidade urbana *ayoreo* em Puerto Quijarro, localizada no bairro *San Antonio*, muito próxima do centro da cidade.

Em pesquisa documental na *Alcaldía Municipal de Puerto Quijarro*, tomamos conhecimento de um registro que reúne dados fundamentais sobre o município em diversas áreas: economia, desenvolvimento social, educação, entre outros. Referimo-nos ao "Plan de Desarrollo Municipal (PDM)" de Puerto Quijarro (2007). Esse diagnóstico expõe a presença do povo *ayoreo* no município abrangendo seu desenvolvimento histórico, social e identitário.

O texto chama a atenção para a estruturação social desse povo nativo, bem como ao valor cultural que a terra simboliza para eles. Trata-se de uma sociedade em que as relações entre seus componentes são igualitárias, formando uma sociedade antiautoritária, na qual o significado da terra subjaz na oferta de recursos naturais para sua subsistência e como lugar para hospedar os restos mortais de seus antepassados.

Embora o PDM de Puerto Quijarro indique uma avantajada situação legal para o povo *ayoreo*, na prática constatamos que estes vivem uma situação de extrema dificuldade na obtenção dos recursos necessários para sua sobrevivência. Estão socialmente isolados, embora residam na área urbana e muitos deles sobrevivam em situação de mendicância.

Quanto à manutenção linguística do zamuco, a língua nativa dos *ayoreos*, o PDM sequer menciona a sua existência na região de Puerto Quijarro. O documento identifica e quantifica falantes de quéchua e aimará divididos por gênero. Assim, registra-se que 18,2% dos homens e 17,3% das mulheres falam quéchua, por outro lado, 16,1% dos homens e 15,2% das mulheres falam aimará. (Puerto Quijarro (2007, p. 109)

³ As comunidades filiadas são: Zapocó, Tobité, Nueva Esperanza, Puerto Paz, Porvenir, Poza Verde, GuidaiIchai, Tres Cruces, Santa Teresita, Urucú, Santiago, Motacú, Rincón del Tigre, Corechi, Manantial, El Carmen, San José, Jogasui, Garay e Barrio Bolívar.

Os Chiquitanos

Assim como os *ayoreos*, os *chiquitanos* estão localizados no oriente boliviano e ocupam grande parte da província Germán Busch, ao extremo leste do Departamento de Santa Cruz. López e Censabella (2009) afirmam que esses povos possuem estreitos vínculos, principalmente em decorrência da proximidade geográfica. Os *chiquitanos* estão assentados, em sua maioria, ao norte dos *ayoreos*.

Xavier Albó (2003) refere-se aos *chiquitanos* como o conjunto de diferentes grupos étnicos que na condição de aparentados, ou não, foram reunidos na região da Chiquitania onde se situavam as sete missões jesuíticas, a saber: San Javier, Concepción, San Ignacio, Santa Ana, San Miguel, San Rafael e San José, no período de 1696 a 1755.

Consequentemente esses povos desenvolveram uma forma de vida sedentária acorde com a intensa evangelização dos missionários e acabaram assimilando as características dos colonizadores. Na atualidade, a identidade *chiquitana* reflete muito pouco dos traços originais dos diversos grupos que constituem esse agrupamento. Albó (2003) assinala que algumas práticas de cura ligadas à religiosidade são herança dessa rica congregação étnica. Dessa forma, embora muitos deles professem a religião católica, na comunidade persistem o xamanismo e as crenças nos mitos e no mundo sobrenatural, configurando uma sociedade sincrética e complexa.

Em referência às línguas, Censabella (2009) pontua que o *bésiro*⁴, idioma dos *chiquitanos*, é categorizado como independente ou não classificado, resultado de um longo período das missões jesuíticas, tendo sido utilizada como língua franca⁵ para facilitar a comunicação, conforme a autora: “*el básiro actual bien puede ser considerado un semi-criollo, de base chiquitana pero con léxico de otras lenguas.*” No que tange ao número de falantes, a situação do *bésiro* está exposta na Tabela 1.

Com relação à diversidade de etnias que configuraram o cenário linguístico na *Gran Chiquitania* há registros memorialísticos entre as pessoas de mais idade que habitam esse lugar. Em conversas informais com alguns habitantes locais, estes ainda se lembram de ter ouvido falar do “sanjosesino” – língua que se falava em San José, uma das missões localizada ao sul dessa região.

⁴ Com relação à grafia da língua, encontramos tanto “bésiro” quanto “besiro”. Neste trabalho utilizaremos a denominação “bésiro” em atenção à pronúncia que temos ouvido entre os professores de Puerto Quijarro ao nomeá-la.

⁵ Utilizamos a designação Língua franca, visto que o *bésiro* foi utilizado como um meio de comunicação na Chiquitania, onde coabitavam comunidades com falantes de diversas línguas.

Reminiscências semelhantes foram recolhidas por Censabella (2009, p. 208) que retrata a pluralidade à qual nos referimos em estudo realizado pelo PROEIB Andes: “[...] en 1999 diversos entrevistados reconocieron, ya sea saber algunas palabras y expresiones en una lengua distinta de la chiquitana, o conocer o haber conocido a alguna persona mayor que sabía algo de ella [...]”. A autora ainda relata a referencia às variedades *nampeca*, *manasica*, *paunaca* e *moncoca*, entre outras.

Em alguns povoados que hoje congregam as antigas missões, há um trabalho de resgate do *bésiro*, por exemplo, nas ruas de San José podem ser encontrados cartazes indicativos bilingues *bésiro*-castelhano, atitude da administração local que tem por objetivo dar visibilidade a essa língua nativa em vista do forte processo de castelhanização da população chiquitana, com o abandono dos dialetos praticados na comunicação oral.

É relevante mencionar as ponderações de Prada (2006) na perspectiva sociolinguística a respeito do papel que desempenha o *bésiro* como língua da região. Segundo a autora, o *bésiro* é vigente entre os adultos, inclusive para promover o reconhecimento na representação durante as assembléias, em que a língua assume um papel simbólico

A vitalidade de uma língua, de modo geral, se expressa em fatores como sua expansão em número de falantes e em vista do uso que dela se faz no cotidiano, entre outros aspectos que envolvem a aceitação e o *status* que ocupa socialmente. Consideramos que o reconhecimento de pertença mediante o uso de uma língua é um importante indicativo de vitalidade no seio de uma comunidade que se identifica como sendo *chiquitana*.

Entretanto, contradizendo a expectativa de expansão do *bésiro* em função do *status* que ocupa na sociedade local, essa língua está concentrada em alguns redutos da Chiquitania, por exemplo, em San Javierito, onde “[...] no sólo se mantiene fuerte la lengua y la organización social, sino que incluso las viviendas siguen manteniendo todo el esquema de las antiguas misiones.” (ALBÓ, 1995, p. 23)

De modo geral, em outras regiões onde ainda existe a presença do *bésiro*, a balança tende mais para o castelhano, principalmente entre os jovens. Muitos deles, ao alcançar a maioridade, optam por ir embora para outras partes da Bolívia, ao Brasil ou ao Paraguai, deixando a língua nativa como parte do passado.

É contrastante que por uma parte ocorra a perda do *bésiro* e, por outra aconteça a valorização por alguns chiquitanos, principalmente os representantes políticos e a classe de intelectuais que se autoidentificam como tal. Essa atribuição de valor também é constatada entre outros habitantes da região. Em Puerto Quijarro, após

consulta local o *bésiro* foi adotado como língua nativa a ser ensinada no sistema educativo desse município.

Alguns indícios nos levam a entender que dita opção tem como base o papel cultural que exerce essa língua em algumas comunidades, cuja decisão expressa fortes indícios políticos, uma vez que a região fronteiriça está composta por um grande número de falantes bilíngues, seja no binômio quéchuca-castelhano ou aimará-castelhano, portanto *collas*, resultado do forte processo migratório intensificado desde os anos 1950 que propiciou a fixação de bolivianos provenientes dos Andes e Vales no Departamento de Santa Cruz e de um modo específico nessa fronteira. Essa reorganização populacional gera um cenário de disputas de poder que são compreendidas ao entrelaçar os aspectos culturais e identitários referidos aos *collas* e *cambas*.

Optar pela inclusão do *bésiro* no currículo escolar da educação básica é uma forma de resgatar o valor dessa língua em franco processo de extinção, como informa o PDM de 2001: “*El idioma chiquitano lentamente está perdiéndose producto de la aculturación y la falta de incentivo al mantenimiento de las culturas originarias.*” (PUERTO QUIJARRO, 2001, p. 28), essa medida repercute no empoderamento de seus falantes e de seus descendentes.

A transnacionalidade (Bolívia-Brasil) desse povo tem despertado interesse nas ciências sociais, haja vista os trabalhos que estão se desenvolvendo a respeito. O historiador e antropólogo Giovani José da Silva (2009) realizou um profundo estudo sobre a presença *camba-chiquitano* na fronteira Brasil-Bolívia, em que aborda as identidades, migrações e práticas culturais. Com relação aos *kamba*⁶, autodenominados *camba-chiquitano* que residem na periferia de Corumbá, sua investigação revela uma forte ligação histórica dos *kamba* de Corumbá com os *chiquitanos* da Bolívia.

Tanto em Mato Grosso quanto em Mato Grosso do Sul, estados em que se encontram comunidades autodenominadas *kamba/camba-chiquitanos*, estas são invisibilizadas na sociedade local e inclusive pelo poder público, uma vez que esse grupamento indígena não consta nos registros da Fundação Nacional do Índio (Funai), como pontuam Delgado e Silva (2011) em artigo que trata sobre os construtos identitários e a territorialidade no dilema de ser ou não ser *camba* no Brasil.

No **Atlas Sociolinguístico dos povos indígenas na América Latina** (2007) encontramos registros de falantes bilíngues de *chiquitano*-português em Mato

⁶ Silva (2009) afirma que adota na sua tese a grafia *kamba* - com “k” - partindo do raciocínio de que outras etnias tinham seu nome grafado com k, como os Kinikinau e os kadiwéu em atenção à normativa da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) que orientava se evitasse a letra “C” nos nomes atribuídos às populações indígenas no Brasil.

Grosso, nos municípios de Porto Espiridião, Cáceres e Villa Bella; Pontes e Lacerda (CASTRO ALVES, 2007, p. 264). Já no município de Corumbá, os *kamba* identificados no mesmo **Atlas** são classificados como monolíngues falantes de português, fato que é corroborado nos estudos de Silva (2009), situação que certamente demanda estudos mais aprofundados, principalmente no campo da Sociolinguística.

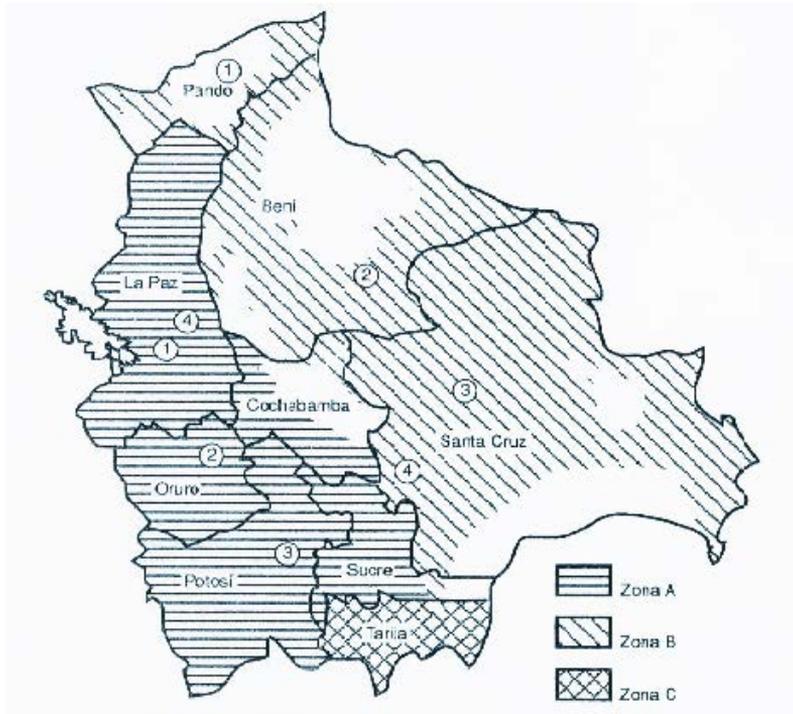
Os antecedentes linguísticos que subjazem na forma de línguas nativas que mencionamos neste tópico têm o propósito de dar a conhecer o contexto multilíngue que ocorre na fronteira da Bolívia e do Brasil e a influência que este exerce na formação do castelhano falado nesse lugar.

Um breve panorama do castelhano falado na Bolívia

Antes de iniciar a descrição do castelhano falado em Puerto Quijarro, traçamos um resumido panorama dos estudos desenvolvidos sobre o castelhano na Bolívia. Diferentemente dos estudos do castelhano no contexto latino-americano, as pesquisas realizadas sobre o castelhano falado na Bolívia são mais incipientes e enfocam a característica pluricultural e plurilíngue que compõe esse país, evidenciam-se assim as variedades linguísticas do castelhano vinculadas primordialmente à localização regional.

Conforme Coello Vila (1996), com a chegada dos conquistadores o castelhano havia se expandido no território – Inca – denominado *Collasuyo*, outrora habitado por povos que falavam uma multiplicidade de línguas ancestrais que ocuparam o lugar de substrato e contribuíram na formação do castelhano boliviano. No processo de colonização e subjugamento, o castelhano se impôs sobre as línguas nativas, miscigenando-se e produzindo variedades com influências que persistem até a atualidade.

Com a finalidade de classificar o castelhano boliviano, adotamos os estudos do linguista Coello Vila (1996) que descreve três zonas (Mapa 1) diferenciadas pelos traços fonológicos, morfossintáticos e léxico-semânticos.

Mapa 1 – Mapa linguístico do castelhano boliviano

Fonte: Coello Vila, apud Aguilar Laura (2014, p. 78).

A zona A corresponde à região andina e vales; a zona B corresponde à região das planícies do norte e do oriente e, por último, a zona C que corresponde à região localizada no sul do país. Dessa forma, os falantes de cada uma das zonas mencionadas identificam as falas *dessas* regiões como “falar *colla*” na zona A, “falar *camba*” na zona B e “falar *chapaco*” na zona C.

É certo que há diferentes divisões dialetais propostas por outros linguistas e nesse sentido coadunamos com Mendoza (1978, p. 63) quando trata da diversidade do castelhano boliviano: “*En realidad, la diversidad dialectal del castellano hablado en Bolivia puede ser incluso mayor de la que muchos interesados en esta problemática están dispuestos a imaginarse.*”

Neste trabalho interessa-nos conhecer as variedades *camba* e *colla* do castelhano boliviano, a primeira porque é na região *camba* que está localizado o município de Puerto Quijarro e a segunda porque é a zona de procedência do maior fluxo migratório registrado na fronteira. Essas mobilidades humanas constituíram confluências linguísticas que formam/formaram uma variação dialetal que está em permanente processo de definição.

O castelhano em Puerto Quijarro

Para tratar das variedades do castelhano falado em Puerto Quijarro tomamos como base a proposta de Coello Vila em que se apresentam as três grandes zonas linguísticas da Bolívia: “*Las tres regiones corresponden a otros tantos tipos dialectales, determinados, en gran medida por la influencia del sustrato, por el bilingüismo y por las consecuencias emergentes de las lenguas en contacto.*” (COELLO VILA, 1996 apud CALLISAYA APAZA, 2012, p. 99)

Uma vez que este estudo enfoca a região oriental, nossa atenção está voltada para as zonas B e A conforme indicado no Mapa 1. A primeira abrange Puerto Quijarro e a segunda é a região de procedência do maior fluxo migratório nacional (*collas*). As pesquisas do Instituto Nacional de Estatística (INE-Bolívia) informam que a migração interna nesse país, com o deslocamento dos nacionais bolivianos, procedentes dos Departamentos do ocidente, rumo ao eixo central, provocaram uma mudança substancial na distribuição espacial da população boliviana.

Portanto, os migrantes que se estabeleceram em Puerto Quijarro são falantes do castelhano *colla*, designação que procede do nome dado aos habitantes da região andina e vales (zona A). Tendo em vista o substrato que conformou essa variedade, o castelhano *colla* caracteriza-se pelo marcado bilinguismo castelhano-quéchuá, castelhano-aimará.

Com relação à zona B (Mapa 1), esta compreende os Departamentos de Beni, Pando e Santa Cruz, sendo que, neste último, está localizado o município de Puerto Quijarro. Coello Vila (1996) tipifica a variedade falada em Santa Cruz como “castelhano *camba* do oriente” Subzona 3 (Quadro 2).

Quadro 2 – Zona dialetal B, departamento de Santa Cruz

<p>Zona B</p> <p>Região de planícies do Norte e do oriente. Departamentos de Pando, Beni e Santa Cruz. Tipo: Castelhana <i>camba</i>. Característica: Influência das línguas da família tupi-guarani.</p>	<p>Subzona 3</p> <p>Variedade <i>camba</i> do oriente Departamento de Santa Cruz.</p>	<p>Tipo: Castelhana <i>camba</i></p> <p>Característica: Influência do <i>chiquitano</i>, <i>guarani</i> e <i>chané</i>, além do crescente impulso do quéchuá.</p>
---	---	---

Fonte: Elaborado com base em Callisaya Apaza (2012, p. 100-101).

Considerando as informações precedentes, concluímos que o castelhano falado em Puerto Quijarro apresenta pelo menos duas variedades predominantes: o **castelhano *camba***, falado pela população de origem local, e o **castelhano *colla***, procedente da grande afluência de migrantes nacionais. Com isso, estamos frente

à diversidade *camba-colla* do castelhano cujos falantes convivem em interação e miscigenação permanente.

Em diálogo com componentes mais jovens da população desse município – muitos deles da segunda ou terceira geração de migrantes – observamos que os descendentes de pais falantes do castelhano *colla* assumem o castelhano *camba* como variedade de comunicação. Esse fato coincide com a apreciação feita por Prado Mesa (1997, p. 155) em situação semelhante, em que migrantes *collas* passam a compor uma comunidade religiosa *camba*: “*Como migrantes collas no solo se topan con que el castellano es de mayor prestigio social que su idioma materno, sino que además el español con acento camba es superior al suyo.*”

Entre as mudanças mais explícitas, a autora destaca os seguintes aspectos fonéticos: “[...] *Incluso los migrantes más recientes, rápidamente adoptan formas propias del oriente. Los cambios más evidentes son la aspiración de la /s/ final - /ps/ pasa a /pweh/ - y la omisión de la /d/ intervocálica.*” (PRADO MEZA, 1997, p. 155).

A estudiosa estima que essa escolha seja intuitiva entre os falantes *collas* e que poderia surgir do desejo de assimilação/aceitação da comunidade à que querem pertencer. Esse é um ponto que suscita reflexões quanto à valorização e ao prestígio social que as variedades do castelhano ocupam e à situação socioeconômica desses falantes. Mencionamos isso em vista do grande número de comerciantes *collas* no âmbito urbano de Puerto Quijarro e o domínio dos redutos comerciais por parte desse grupo, o que nos faz pensar que o prestígio social que parece assumir a variedade *camba* não está associado à condição econômica.

Como partimos de uma observação *in loco* nesse último ponto, consideramos conveniente desenvolver estudos mais aprofundados que tratem das atitudes linguísticas entre as variedades e seus falantes no contexto mencionado.

A língua portuguesa em Puerto Quijarro

Retomando o PDM de Puerto Quijarro, constatamos que a língua portuguesa ocupa lugar de relevância nesse município, com 39,8% de homens e 38% de mulheres falantes de português. (PUERTO QUIJARRO, 2007, p. 109)

Deduzimos, então, que esses dados tenham como base o quantitativo de falantes urbanos, e que estes provavelmente desempenhem algumas funções no setor comercial. Isso porque nessa atividade é perceptível constatar-se a existência de falantes do português entre os comerciantes bolivianos, bem como entre outros que aproveitam o movimento mercantil para desenvolver alguma atividade desde as mais simples, como cuidador de carros ou vendedor clandestino de combustível,

até outras mais especializadas como, por exemplo, taxistas e moto-taxistas e funcionários do setor hoteleiro.

Ao fazer uma comparação entre o PDM 2001 e o PDM 2007, verificamos que o primeiro registra o uso das seguintes línguas em Puerto Quijarro: “Castellano, Quechua, Chiquitano y Extranjero (Portugués)”, em contrapartida, no segundo, constatamos que o português deixa de ser considerado estrangeiro o que pode sinalizar uma mudança de *status* social dessa língua nesse município boliviano.

Alguns fatos relevantes sobre a presença da língua portuguesa na formação do castelhano do oriente boliviano foram analisados por Roca (2007) e Sanabria Fernández (2008). No século XIX, com o início da exploração dos seringais ao norte da Bolívia – nos territórios que eram então bolivianos e atualmente se encontram no estado do Acre – uma grande quantidade de brasileiros internou-se nessas terras para trabalhar na obtenção de látex natural.

Visto que as técnicas de exploração eram de conhecimento dos trabalhadores brasileiros, o vocabulário pertinente a esse ramo de atividade tem evidente influência do português no castelhano do oriente. O mesmo pode-se dizer do vocabulário que envolve elementos de navegação e das formações hídricas como *leme*, *batelón*, *cachuela*, *correntesa*, termos citados por Sanabria Fernández (2008, p. 32), não dicionarizados e correspondem em português a: leme, batelão, cachoeira, correnteza, respectivamente.

Contrariamente a Sanabria Fernández (2008), Roca (2007, p. 43) desenvolve a tese de que houve uma influência importante do português no falar *cruceño*, como verificamos no seguinte excerto: “*El habla cruceña, como se ha dicho, es el mestizaje de la suma del castellano del siglo XVI, del arahuaco-taíno, quechua, guaraní, chiquitano, chané, portugués brasileiro con sus componentes africanos, principalmente el quimbundo.*” Segundo esse autor, a rica mestiçagem do falar de Santa Cruz não tem similar em nenhum outro falar dialetal americano.

Em vista de toda essa rica miscigenação, o referido autor considera que o falar *cruceño* não teve uma base castelhana pura. Roca (2007) e Sanabria Fernández (2008) coincidem ao afirmar que as maiores contribuições na variedade oriental teriam se dado quando os *cruceños* iniciaram um êxodo com 30 mil pessoas em direção ao norte da Bolívia: lá se depararam com falantes de português, e esse encontro teria contribuído léxica e foneticamente para a formação do falar *cruceño*.

É um desafio interpretar o papel que ocupa o português na atualidade em Puerto Quijarro. No que tange ao âmbito de escolarização, ao olharmos o plano de estudos do sistema básico de educação boliviano, encontramos que a área de comunicação e linguagem é composta pela língua castelhana, por uma língua

nativa e por uma estrangeira. Quanto ao idioma estrangeiro ensinado nas escolas a opção recai na oferta do inglês, mesmo nas regiões de fronteira com o Brasil.

A esse respeito, alguns diretores de unidades educativas de Puerto Quijarro manifestaram que não haveria necessidade de ensinar português na escola, uma vez que os alunos o aprendem “na rua”⁷, em contato com falantes dessa língua. Todavia, no grupo etário de pessoas adultas parece que não há tanta facilidade na aquisição dessa língua por meio de aproximações naturais, como o contato oral com seus falantes, ou pelos meios de comunicação como o rádio e as emissoras de televisão brasileiras, entre outros.

Para além do contexto educativo, observamos que existe um processo de aquisição do português por parte da população prioritariamente jovem de Puerto Quijarro, que busca se comunicar nessa língua quando está em contato com brasileiros. Esta observação também abrange os comerciantes (de diversas faixas etárias), os prestadores de serviço como trabalhadores do setor hoteleiro, taxistas e moto-taxistas, que são, em primeira instância, aqueles que entram em contato direto com os brasileiros que transitam pelas ruas e postos de comércio.

Relatos coletados entre alguns alunos do curso de Letras, no período de 2008 a 2012 da UFMS, *campus* do Pantanal, registraram dificuldade em conversar com os comerciantes bolivianos em castelhano, pois eles preferem se comunicar em português e não têm “paciência” para lidar com aprendizes brasileiros. Conjecturamos que essa impaciência se deva à expectativa de realizar uma venda mais rápida que implicaria na necessidade de uma agilidade na comunicação, ou ainda poderiam querer expressar uma resistência ao uso do castelhano e uma vontade de falar em português. Destacamos que este entendimento emerge de depoimentos espontâneos de alunos, bem como de observações entre os comerciantes, em especial aqueles do Centro Comercial *12 de octubre*, conhecido como “feirinha” em Arroyo Concepción.

Por outro lado, na perspectiva de tentar apreender as expectativas que os bolivianos, principalmente os comerciantes bolivianos, têm com relação à língua portuguesa, ouvimos, em 2010, o presidente da *Asociación Comercial 12 de octubre* (entidade que representa os comerciantes da “feirinha”), ao serem perguntados se teriam interesse em ter aulas gratuitas de português, responderam que os associados julgaram que “o que eles sabiam de português era o necessário para efetuar uma transação comercial”.

⁷ Em 2011, ao iniciar os trabalhos no Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), visitamos diversas unidades educativas do ensino público em Puerto Quijarro. As opiniões que mencionamos referem-se a esse período, quando conversamos sobre a possibilidade de incluir a língua portuguesa como língua estrangeira no currículo educativo das escolas desse município, uma vez que a língua espanhola passou a compor o currículo da educação básica de Corumbá nesse mesmo ano.

Podemos inferir, com isso, que a conjectura de uma “língua comercial” na fronteira à que Rivas (2011) se refere pode ter algum fundamento. Entretanto, devemos lembrar que essa é uma perspectiva que parte de pessoas vinculadas ao comércio e serviços em Puerto Quijarro. Há outros segmentos da população boliviana que demonstram interesses diferenciados com relação à aprendizagem de português; por exemplo, há pessoas que ponderam a possibilidade de trabalhar no comércio ou serviços em Corumbá ou incorporar-se ao sistema educativo brasileiro para sua formação profissional. Assim sendo, as demandas e expectativas sobre a língua portuguesa se transformam, alcançando outros eixos de interesse e estendendo-se a outras dimensões.

Reflexões finais

Conforme vimos ao longo deste trabalho, em Puerto Quijarro foi constatada a circulação de línguas nativas, com o predomínio de falantes bilíngues nos binômios castelhana-quéchuá e castelhana-aimará, alguns também com conhecimento do português. Com relação ao *bésiro-chiquitano*, esta parece ocupar o lugar de língua de cultura ou um lugar de resistência, ao compor a estrutura curricular da educação básica do município, por opção da própria comunidade e não por outros fatores como a frequência de uso ou pelo número de falantes (que recairia no quéchuá ou aimará). Também tratamos da história do zamuco (*ayoreo*) e da situação de invisibilidade em que se encontram seus falantes e sua língua. Não registramos a presença do guarani em Puerto Quijarro, muito embora em conversas informais, alguns informantes tenham mencionado a existência de falantes dessa língua provenientes de outras regiões do oriente boliviano e do Paraguai.

Nos estudos relativos à fronteira, há diversas perspectivas de análise utilizadas para promover a percepção do contexto. À dinâmica efervescente das atividades que lá se desenvolvem somam-se os signos linguísticos que circulam nesse território, identificando de diversas formas as variadas pronúncias, os sotaques, as múltiplas línguas, gestualidades e silêncios que comunicam.

Evidenciamos a multifacetada tessitura do contexto fronteiriço, reconhecido como um espaço sociolinguisticamente complexo, por vezes encoberto por generalizações, tal como a denominação de línguas nacionais português e castelhana, que escondem a riqueza da multiplicidade. A esse respeito mencionamos que não incluímos a miscigenação ou mistura do português e do castelhana como línguas de contato, pois esse tema exige estudos e análises mais detalhados.

Consideramos necessário avançar com reflexões em direção a outros componentes mais internos podendo estar inseridos naquilo que se conhece como

a intraculturalidade numa dimensão que promova a autovalorização e, portanto, o reconhecimento do “outro”. Entendemos que desvendar a diversidade linguística e identitária é reconhecer a alteridade não como um problema a ser resolvido, mas como possibilidade ou recurso.

Referências

- ALBÓ, X. *Bolivia plurilingüe – guía para planificadores y educadores*. La Paz: UNICEF-CIPCA, 1995. 2 v.
- _____. *Cultura, interculturalidad, inculturación*. Caracas: Fundación Santa María, 2003.
- CALLISAYA APAZA, G. *El español de Bolivia. Contribución a la dialectología y a la lexicografía hispanoamericanas*. 2012. 439 f. Tese (Doctorado en Lingüística) Facultad de Traducción y Documentación. Departamento de Traducción e interpretación. Universidad de Salamanca, Salamanca, Espanha, 2012.
- CASTRO ALVES, F. Brasil Amazônico. In: SICHRA, I. (Org.). *Atlas Sociolingüístico de Pueblos Indígenas en América Latina*. 1ed.: Unicef, v. 1, p. 245-264, 2009.
- CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. Especial, p. 385-417, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 jun. 2013.
- CAVALCANTI, M. C. Bi/multilinguismo, escolarização e o (re)conhecimento de contextos minoritários, minoritarizados e invisibilizados. In: MAGALHÃES, M. C. C.; FIDALGO, S. S.; SHIMOURA, A. S. (Org.). *A formação no contexto escolar: uma perspectiva crítico-colaborativa*. Campinas: Mercado de Letras, p. 171-185, 2011.
- CENSABELLA, M. Chaco ampliado. In: *Atlas sociolingüístico de los pueblos indígenas en América Latina*. Cochabamba: FunPROEIB-Andes, v. 1, p. 143-228, 2009.
- COELLO VILA, C. Bolivia. In: ALVAR, M. (Org.). *Manual de dialectología hispánica: el español de América*. Barcelona: Ariel, p. 169-183, 1996.
- CRUZ, A. *Pueblos originarios en América*. 29 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.pueblosoriginariosenamerica.org/?q=mapas>>. Acesso em: 11 jun. 2014.
- DELGADO, P. S.; SILVA, R. H. Constructos identitários e territorialidade: ser ou não ser Camba no Brasil. *Iberoamericana*, v. 1, p. 127-144, 2011.
- EYZAGUIRRE, M. Los ayoreos. *Educa*, 24 set. 2013. Disponível em: <<http://www.educa.com.bo/etnias/los-ayoreos>>. Acesso em: 24 mar. 2015.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA. Estado Plurinacional de Bolivia. *Censo nacional de población y vivienda 2012*. La Paz, 2012. Disponível em: <<http://www.ine.gob.bo:8081/censo2012/pdf/BoletaCensal2012.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.
- LÓPEZ, L. E. Hacia una política lingüística y educativa ecológica, con énfasis en las condiciones de las Tierras Bajas de Bolivia. In: LÓPEZ, L. E. (Org.) *Diversidad y ecología del lenguaje en Bolivia*. La Paz: Plural Editores. 2006.
- MENDOZA, J. El factor geográfico en la nacionalidad boliviana. In: M. BAPTISTA GUMUCIO, M. et al. *Antología Geopolítica de Bolivia*. La Paz: Los amigos del libro, p. 31-55, 1978.
- PRADA, F. Antiguos dioses, políticas lingüísticas y manejo de recursos naturales en la sociedad chiquitana. In LÓPEZ, L. E. (Org.) *Diversidad y ecología del lenguaje en Bolivia*. La Paz: Plural Editores, p. 89-125, 2006.

PRADO MEZA, A. *Dios es evangelista, no?* Un estudio comunicacional entre collas evangélicos en tierra de cambas. La Paz: Plural, 1997.

PUERTO QUIJARRO. *Plan de Desarrollo Municipal (PDM)*. Santa Cruz: Gobierno Municipal de Puerto Quijarro, 2001.

_____. *Plan de Desarrollo Municipal (PDM)*. Santa Cruz: Gobierno Municipal de Puerto Quijarro, 2007.

RIVAS, V. E. *Yo no soy boliviano yo sou carioco*. Entre línguas e preconceitos na fronteira Brasil/Bolívia. 2011. 95 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Corumbá, 2011.

RIVERA CUSICANQUI, S. La universalidad de lo ch'ixi: miradas de Waman Poma. *E-misférica*, La Paz, n. 35, 2010. Disponível em: <<http://hemisphericinstitute.org/hemi/es/e-misferica-71/rivera-cusicanqui>>. Acesso em: 10 out. 2015.

ROCA, L. A. *Breve historia del habla cruceña y su mestizaje*. Santa Cruz de la Sierra: El País, 2007.

SANABRIA FERNÁNDEZ, H. *El habla popular de Santa Cruz*. Santa Cruz de la Sierra: Editorial Hoguera, 2008.

SICHRA, I. El atlas sociolingüístico de los pueblos indígenas en América Latina. *Conferencia dictada en el VIII Congreso Latinoamericano de Educación Intercultural Bilingüe*. Buenos Aires, 3-5 dez. 2009.

SILVA, G. J. da. *A presença camba-chiquiano na fronteira Brasil-Bolívia (1938-1987): identidades, migrações e práticas culturais*. 2009. 275 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História. Universidade Federal de Goiânia, 2009.

SOBROSA, D. M. Silenciar e Dizer: duas faces da mesma moeda nos discursos sobre as línguas oficiais do Mercosul. *Linguasagem*, São Paulo, v. 1, p. 1-11, 2013.

SOLÍS FONSECA, G. Interculturalidad: encuentros y desencuentros en el Perú. In: HEISE, M. (Org.). *Interculturalidad creación de un concepto y desarrollo de una actitud*. Lima: Inversiones Hatuey, p. 97-112, 2003.